



Novas nymphas d'um velho fauno

N.º 234 Lisboa, 15 de Agosto de 1910  
 ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
 PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:  
 Anno, 1\$800 réis — Semestre, 2\$400 réis  
 Trimestre, 1\$200 réis

*Ilustração*  
 PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
 Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
 Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
 sição e Impressão *R. Formosa, 43*

# Uma delicia em tempo de calor

Em toda a parte, nas casas ricas ou pobres, na cidade e no campo, em terra e no mar, o uso dos

## Syphões

## Drana Sparklets

se impõe como um ideal de conforto e hygiene. A' venda em toda a parte. Concessionari para Portugal e colonias

### Pharmacia Barral

126—RUA AUREA—128  
LISBOA

**Nota.**—Aos syphões com muito uso lembramos a conveniencia da substituição das 3 peças de despesa, que vendemos ao preço de 200 réis cada caixa de cinco peças.

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

fiança e Sobreirinho (Thonar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispozo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escripórios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**

Numero telephonico: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL	
Accões .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização .....	266.400\$000
Réis .....	950.210\$000

**Sédo em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thonar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispozo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escripórios e depositos:*

## Grande revolução!



**Completa novidade** em bicyclettes com rotamentos superiores, sem cones nem caixas, nunca desalinam. Esta grande novidade só se encontra na **Casa Simplex** de bicyclettes, discos e machinas fallantes de J. Castello Branco, rua de Santo António, 22-24 e rua do Socorro, 21-B. Endereço telegraphico: «Simplex». Telephone 2975.

Reverente novo catalogo.



o passado, presente e futuro revelado pela mais celebre cbiromante e pbyssonista da Europa

MADAME

## Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, é in-comparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chiromancias, chronologia e phisiotogia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, bestarrolles, Lambroz, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predize a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguem. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—LISBOA.

Consultas a 1800 rs., 2500 e 3800 rs.

A mulher de sociedade ou a artista completa a sua belleza idealisando-a com o uso do **Crema Sirene**. É o product de mais confiança, pois não tendo gorduras não faz brilhar o cabelho e dá a pelle um suave encaro, tornando o collo, as espostas e os braços d'um encantador lo n'acarado, como se sob as carnes se passassem ondas d'electricidade rejuvenescedora. Preço 1820; pelo correio 1840. **Crema Sirene**—ontra as manchas da pelle—Este delizioso preparado é efficaç no aforosamento da pelle. f sendo desapparecer por completo as desagradaveis manchas que impedem o brilho natural d'uma verdadeira belleza! Preço 1820; pelo correio, 1840. **Crema Sirene**—o melhor depilatorio! O unico reconhecido até hoje como decisivo extermindor dos superfluos cabellos que desejam o rosto da mulher! Não irrita nem queima a pelle, tendo um perfume suavissimo, que o torna um preparado precioso no oillio da mulher elegante. Preço 1820; pelo correio 1840. **Crema Sirene**—de pep nos perfumados—excelente para amaciar a pel e! Cada bixinha 300 rs.; pelo correio 350.



A' venda na **Perfumaria Ealsomão**, rua dos Ret. azeres, 44. Telephone 377.

DEPOSITO GERAL: Rua dos Retrozelos, 46, 2.º.



# COMO SE FAZ UMA PROFESSORA



1—Uma alumna no bastidor

E' um bando jovial que enche o atrio da Escola Normal pelas manhãs. São raparigas bonitas quasi todas, algumas com

graças mesmo deante d'um grande problema, d'uma confusa lição de mathematica capaz de lhes descolorir as faces.



2—Um trabalho delicado

São as futuras professoras; as mulheres que hão de viver nas aldeias sertanejas e nas villorias distantes com a sua turba de escolares ensinando-lhe as primeiras lettras, preparando-a para os exames das classes infantis, fazendo esse trabalho da manhã á noite e não descansando senão nas férias; faltando-lhes os divertimentos, não tendo o gozo das outras, mesmo das operarias, nos longos domingos dos seus exilios.

Todo esse bando jovial de hoje, será o professorado feminino e grave d'amanhã e para conseguir o pão rudemente ganho, quasi sempre a descalabrar os nervos, frequenta durante três annos a escola normal onde solidamente se educa.

Primeiro as aulas de portuguez e francez, moral e doutrina, historia, geographia, mathematica, sciencias naturaes e suas applicações á agricultura, estas disciplinas aprendidas rigorosamente para poderem ser ensinadas ás creanças; depois a calligraphia, o desenho, a escripturação commercial, a legislação das escolas primarias, essas cousas que são bases da instrucção d'uma mulher que tem de ser a educadora das gerações.



3—O sr. Frederico Feteira Simas, director da Escola Normal No pateo da gymnastica

certo requinte de trajo n'um destaque com os modestos vestidos da maioria. Trazem a pontinha de garridice das suas edades e ao seu sexo, o ar arranjado que falta ás estudantes d'outros paizes; o seu qué de coquette a marcar que não esquecem e não abdicam das suas





Ha ainda as aulas de gymnastica onde aquellas gentis raparigas fazem com os trajes proprios esses exercicios e a aula de canto coral. A parte mais curiosa do ensino pratico que ali se faz é a da assistencia ás aulas da escola annexa onde a alumna começa a adextrar-se nos encargos de professora.

A grande aula primaria cheia de pequenitas da classe media e do povo, moradoras do bairro populoso d'Alcantara, está ás ordens da futura professora; cá fóra os que passam ouvem



ha pouco entrou na vida, que ha pouco ainda deixou tambem a escola primaria onde era alumna. A' hora do recreio das creanças, quando toda aquella linha infantil corre pelos claustros, brinca, salta, misturando se n'uma alegria, dá naturalmente vontade áquella incipiente professora de fazer o mesmo, de saltar, de correr, de se divertir, mas no seu espirito, deante da compostura dos mestres, dos livros que leu, da legislação escolar já nasceu a grave preocupação que a detem. Então umas com as outras, discutindo, falando das lições, não se furtando por vezes a uma observação maliciosa, ellas repousam.

O museu da escola é tambem um logar agradável para a vista. Todos os trabalhos que se fa-



aquella toada cantarolada das garotas dando as lições n'uma nota tão cadenciada como a da agua jorrando da bica para o poial d'um tanque.

E' ali n'aquella atmospha candida, deante de todos os rostinhos frescos das creanças, d'aquellas cabecitas buliçosas com as suas tranças caídas, que a educanda da escola normal se vae compenetrando da sua missão do ensino.

Nada mais difficil do que formar uma alma; será no futuro esse o papel d'aquella rapariga que



1—Uma normalista  
2—A aula infantil onde praticam as futuras professoras  
3—Alumnas bordando

zem na aula de labores, as coisas delicadas, que sahem das mãos femininas, estão expostas e são as almofadas bordadas caprichosamente, as camisinhas finas com suas rendas que parecem destinadas a bonecas, as obras cuidadosamente executadas, cousas d'exame e de attenção que ali se mostram.





Pensou o novo director, sr. Frederico Antonio Ferreira Simas, na organisação d'esses museus escolares, não só de labores, mas os de outras especialidades assim como no grande plano, que será posto em execução no proximo anno, do ensino pratico da costura. Veremos



dados do lar que poderão transmitir depois nas suas aulas o que muito util lhes será pela vida fóra.

As alumnas da terceira classe organisaram tambem dezeses museus á sua custa onde ha amostras de productos agricolas colonias e da metropole, herbarios, bilhetes postaes illustrados para o ensino da geographia e nos

então as genís normalistas, com os seus aventas brancos, trabalhando junto dos fogões, aprendendo com a instrução variada da escola que será applicada ao ensino, os cui-

terceira classe organisaram tambem dezeses museus á sua custa onde ha amostras de productos agricolas colonias e da metropole, herbarios, bilhetes postaes illustrados para o ensino da geographia e nos



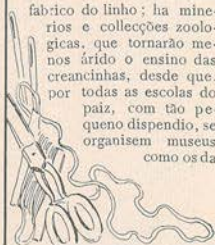
1—Outra phase da gymnastica  
 2—Alumna com o traje de gymnastica  
 3—Uma normalista dando uma lição de jardinagem a uma alumna da aula infantil  
 4—Alumna com o traje de gymnastica

Ves uio fumeça, neves  
da Rússia e palzagens  
riso nhas da Hespanha,  
tudo cautelosamente arran-  
jado, com uns cuidados  
bem femininos. D'este mo-  
do as alumnas poderão fi-  
xar aspectos, trechos e lo-  
gares, guardar nos olhos a  
visão dos sitios, cuja  
historia aprendem; li-  
gar-se mais a um



1—Um grupo de alumnas  
2—As pequenas  
alumnas ouvindo uma explicaçã  
de botânica  
dada por uma normalista

fabrico do linho; ha mine-  
rios e collecções zoolo-  
gicas, que tornarão me-  
nos árido o ensino das  
creancinhas, desde que,  
por todas as escolas do  
paiz, com tão pe-  
queno dispêndio, se  
organistem museus  
como os da



estudo deante da bel-  
leza d'este auxilio,  
na verdade impor-  
tante e que demon-  
stra a tendencia para  
as coisas praticas,  
que começa a haver  
na nova organisação  
da Escola Normal.

Ha ainda n'esses  
museus pequenos ap-  
parelhos de physica  
e chimica construi-  
das pelas raparigas,  
quadros com as pha-  
ses dos tecidos  
do algodão e  
da lã e do



3—O museu da escola e a exposiçõ de labores





Escola Normal. Posta d'este modo a escola-padrão, muito util se torna o ensino.

Logo ás 6 horas da manhã estão ali as futuras professoras que, passando por todas as aulas indicadas, não deixam nunca, no segundo e terceiro annos, de praticar as lições com as pequenitas da escola annexa. ensinando ora a leitura e a escripta na aula infantil, logo a historia zoologia e botânica, moral e arithmetica, todas as disciplinas do programma da instrucção primaria, nas classes mais adiantadas e familiarisando-se assim com a pratica do ensino.

No jardim da escola, as pequenas edu-



—O corpo docente da escola: sr.<sup>a</sup> D. Maria Gonçalves, sr. Frederico Simas, sr.<sup>a</sup> D. Albertina da Costa, sr.<sup>a</sup> D. Leocadia Heitor, sr. Antonio dos Reis, sr. Pires Mariano, sr. Thiago da Fonseca, D. Antonia Coelho

candas aprendem a jardinagem, que as normalistas lhes ensinam, e é curioso ver todas aquellas creanças, removendo attentamente a terra, collhendo as hervas, tratando dos talhões, ligando-se com amor ás flores que embelezam a vida. Este novo aspecto da Escola Normal, vai dar excellentes resultados, crear uma nova vida intellectual á mulher, ao ensinar-se-lhe, com as coisas uteis, o gosto pelo bello, pois só assim poderá

haver uma grande educação. A vida da alumna da Escola Normal, que foi rude, vai-se embelezando, e a tendencia que fazia procurar n'esses logares do professorado feminino apenas um arrimo, vai sendo já uma verdadeira vocação ou uma coisa a que as raparigas se dedicam, sem o que não obterão os seus diplomas.

O bando jovial vem todos os dias; ás vezes é um electrico cheio de raparigas que pára á porta do edificio do Calvario; ellas saltam nos seus trajos claros pelos dias de sol; embrulhadas nos seus abafos pelas invernias, e, depois de cumpridos os deveres escolares, lá vão de novo, com os livros debaixo do braço, garrulando, não podendo calar essa mocidade, que dentro em pouco terá de se revestir da gravidade propria da sua missão.



2—Grupo de alumnas da Escola Normal  
3—Uma futura professora

Sabendo as materias aprendidas durante aquelles 3 annos, tendo a pratica da assistencia, mettidas dentro da legislação escolar, fazendo da pedagogia um bordão, essas raparigas, ao cabo do curso, requerem um logar. Algumas são provincianas e appetecem a sua escola na sua aldeia; outras, filhas da cidade, sentem o horror pelo bucolico campo; mas o tempo aperta. São novas e precisam



ciar a sua carreira, a difficuldade da sua collocação; o seu horror ao meio illetrado da familia que a educára, ficando sempre camponia; L. Frapié conta no seu livro *Institutrice de Province* a existencia desolada da pobre professora ajudante Louise Chardron, n'um quadro d'horrores.

Em Portugal, ha, todavia, grandes consolos. O povo das aldeias respeita a senhora professora, a quem chama ainda a mestra regia, acolhe-a com certo carinho; faz d'ella a amiga dos pequenos, honra-se com a sua companhia, e, se o mister não é lucrativo, bem merecia que o fôsse, apôz tantos trabalhos para tirar o curso modelar.

Ellas, porém, dedicam-se sempre, vão enchendo as aulas da Escola Normal, onde se ligam na amizade que o corpo docente lhes tributa, tornando por sua vez pratica a idéa de fazer os alumnos amigos do professor.

No proximo anno, com as alterações que o ensino do magisterio vae soffrer na escola, cujo director se dedica d'alma e coração a esses trabalhos, coadjuvado pelos professores, mais terão a ganhar as normalistas, esse bando alegre e formoso que, descendo dos carros, sahindo das travessas e ruas que desembocam no Calvario, tem sempre uma marcha de juventude que faz sorrir, ao olhar-se para o portico da Escola, onde entram as futuras educadoras dos filhos do moderno Portugal.

(Chiclé de Benollet)



ganhar a vida: para isso, a familia, — geralmente são muito pobres — fez sacrificios inumeros, e, por isso, accetam as cadeiras nos centros provincianos, a educarem as pequenas camponias, a passarem todos os tormentos do exilio, por vezes espantadas da casa onde funciona a sua aula, e que desmente tudo o que lhe ensinaram de hygiene na modelar educação da Normal.

Não é só, porém, entre nós, que essas desillusões chegam e que esses trabalhos se passam. Brieux, mostrou com a sua *Blanchette* a vida da professora franceza, ao ini-



1—Uma alumna da aula infantil na lição de jardinagem 2—Os labores 3—Na aula infantil: Uma lição de zoologia dada por uma alumna da Escola Normal







## A Festa da Escola Franceza de Lisboa

1—As interpretes da peça  
*France à Paris*

2—As meninas Cecilia  
Nogueira e Alice  
Freitas, que representaram  
d'Alsacia e Lorena

Esta Escola Franceza, onde ha dias o illustre ministro da França assistiu a uma festa de crianças com que se encerrou o anno lectivo, é um canto encantador que a colonia mantem e que o governo da grande republica subsidia.

Destinada a ambos os sexos, são educados ali os filhos dos francezes residentes em Lisboa, tendo os exames feitos no bello estabelecimento de ensino o valor dos realizados em



França. Varias crianças portuguezas tambem recebem ali educação, aprendendo todos os alumnos em commum; os que desejarem fazer os exames officiaes portuguezes teem o seu curso especial. O primeiro premio d'aquella modelar escola foi confellido este anno, na festa a que o sr. Saint-René Tallandier assistiu, a um menino nosso com-



3—Um aspecto da assistencia

patriota, ganhando o da classe feminina uma menina suíça. O director da Escola Franceza é o sr. Augusto Duprat e o professor portuguez o sr. Guilherme de Macedo Alves.

Durante o anno as crianças applicam-se cheias de vontade, são tratadas com essa moderna forma que faz do professor o irmão do alumno, e isso marcou-se d'uma encantadora forma na festa realisada ha dias e em que reinou a maior fraternidade. Os pequenitos receberam corôas de louro e livros como premios.

Realisou-se então a linda festa em que as crianças entraram, já representando simples peças francezas, já recitando trechos escolhidos. Destacaram-se pelo pittoresco rigorosissimo dos trajos regionaes duas formosas meninas que representavam a Alsacia e a Lorena, as duas ridentes provincias



Os dois primeiros premios do collegio francez: Jeanne Wild (suissa) e Luiz Grillo (portuguez)

que a França lamenta ainda e a que a Alemanha vae dar uma prudente autonomia.

Foi d'um grande brilhantismo o acto com que os alumnos se despediram dos seus professores até ao proximo anno em que continuarão os seus estudos com o cuidado educativo que está na tradição da Escola Franceza.



3—Os professores do collegio francez 4—O ministro de França assistindo à distribuição de premios



# O DIABO QUE O CARREGUE

A NOVA REVISTA DE  
JOÃO PHOCA E ANDRÉ BRUN



João Phoca e André Brun

assistir a uma viagem através dos escolhos das regiões onde os peccados mortaes vivem tentando os homens e revestem a sua peça de ditos engraçados, de leve ironia,

que dispõem bem o espectador collocado deante do magnífico scenario em que caprichou a empreza do popular theatro.

Representada por actores novos, ensaiada com arte, toda feita de leveza, a peça agrada, tem as condições requeridas pelas obras d'este genero, cujo fim é fazer passar agradavelmente algumas horas.



A peça phantastica é sempre interessante desde que seja acompanhada por um scenario luxuoso, por um variegado guarda-roupa, que tenha graciosas interpretres e uma musica ligeira e agradável a acompanhar as suas passagens. Já lá vae o grande tempo da magica com as suas mutações, os seus gnomos, os seus infernos vermelhuscos, os seus diabos feros e de soberbo poderio que davam aos mortaes reinos a troco da alma e faziam passar bem maus bocados á virtude. Em troca veiu a peça phantastica mais leve, com as suas allusões aqui e ali a um facto, sem o ar intencional da revista e onde os olhos se comprazem nos scenarios bem pintados, nas bellezas do guarda-roupa, sem nos obrigarem a pensar, tornando-nos creanças com as suas phantastias e que tanto são do agrado d'esse velho Rochefort, tremendo pamphletario escrevendo, eterno sonhador na vida.

Foi uma d'essas peças cheias de phantasia que André Brun e João Phoca, auctores da revista *Fado e Maxixe*, escreveram para o theatro da Rua dos Condes e a que chamaram *O Diabo que o Carregue*, velho estribillo colerico transformado agora n'um alegre titulo. Os auctores fazem-nos

1—A actriz Carmen Osorio no *Classe*  
2—O actor Raul Soares e actriz Dolores na *Folga e Arame*



3—A actriz Alice Figueira na *Cortina de Renda* 4—A actriz Carmen Osorio na *Perola*—(Clichés de Vasques)

# A INDÚSTRIA DA PALMEIRA

OS VIVEIROS DA  
CASA DA COMMENDA



A Casa da Commenda, eminente ao mar, alegrando a rudeza dos penhascos que se levantam ao longo da costa, ergue-se com Imperio no topo de um rochedo encastellado coberto de musgos. Quando se desce o rio, a linha direita da margem perdendo-se ao longe, para o lado da barra, na torre do Outão, desenha-se irregular, aspera de pedregulhos que investem pelas aguas, como os caiaus abruptos da praia da Rainha e o penedo crispado da Esguelha, solitario e vigilante. N'uma d'essas curvas rudes inesperadas, surgenos, n'um momento, alva e rendilhada a casa da Commenda, fresca como se na madrugada da vespera, o condão de uma fada, a tivesse tecido da espuma das ondas n'uma roca de marfim e ouro.

Esculpida, por assim dizer, na rocha n'um estylo claro e alegre, o risco, leve e sobrio, teve na precisão macia e graciosa do traço delicado, tenue, a emoção vibrante de uma fina sensibilidade. Impõe-se. Grandiosa na concepção sem pezar na leveza dos contornos, minuciosa nos retoques sem cair na trivialidade da pretensão. Ponderada e discreta, não ha, ali, uma dureza. O revo das formas na meia tinta de uma aguada límpida, diafana, esbatida, testemunha uma elevada lição de gosto. Cercada de pinheiros, animada de verdura, abre, por entre ella, francas sob a alpendrada, as suas varandas de pedra, largas e rasgadas, dominando as ondas, que, na resaca, n'um marulhar meio choroso meio risouho, se desfazem na espuma que vem roçar de leve, com simplicidade humilde, os contornos do rochedo de onde a Casa se debruça. Tendo aos pés o Sado reluzente, muito azul, a quem o sol em luçadas de luz põe os tons vivos de uma safira mirante, preciosa, lá de cima—nos miradoiros—

rasga um horizonte vasto de aguas onde as azas brancas dos barcos esvoaçam, rodeando serenas os areaes da barra a esmorecerem n'um funo muito longe, vago, de sombras indecisas, esfumadas, da serra de Grandola confundida com o céu. Do lado de terra passa lhe, á rez, a estrada alegre do Outão linda e ensombrada, basta de pittosporos, seguindo a meia encosta, ora a torcer-se, aqui, n'uma curva imprevisita, ora descendo, mais além, em ladeiras brucas, sempre espreitando o mar, contornando perto a Casa da Commenda, e recortando-a da grandiosa solidão silvestre da



1—A casa da Commenda na bahia do Sado, perto de Setúbal  
2—A varzea





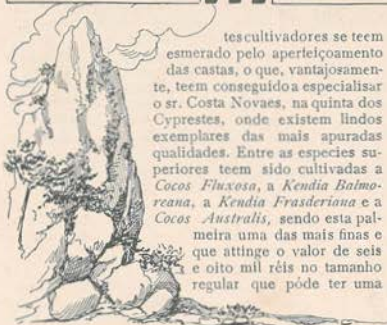
serra da Arrabida e do monte de S. Luiz, que ali vem abrir-se n'um valle viçoso, copado, cheto de freixos e faias, onde os ninhos cantam e de onde irrompe risonha a frescu a da vegetação, molhada pela ribeira da Ajuda, que a do Alcube engrossa e que, descendo da encosta, vem por entre eucalyptos e salgueiros banhando as veigas e os relvedos, a rocha e a Commenda. A natureza esmeurou-se, ali, com todos os seus primores, com toda a encarnação suavíssima de uma harmonia perfeita. A Casa, a sua privilegiada situação, o encanto que respira trazem, naturalmente, á memoria o indagar. E' desculpavel a curiosidade. Foi ella quem, um dia, me fez conhecer de perto a Commenda. O feliz possuidor d'esse eden é o sr. conde de Armand, official do exercito da França, descendente de um ministro que o seu paiz, ha annos, teve acreditado na nossa corte, tendo sido este diplomata que, encantado com as bellezas do sitio, um dia adquiriu a Commenda. O actual conde, que raras vezes por ali vem, reedificou a casa sobre os alicerces da primitiva, na eminencia do mar, na testa do rochedo, tendo sido encarregue da sua construção o sr. J. Lino. A propriedade que abrange bastos hectares de terra, de valle a monte, é insignificante na parte cultivada, resumindo-se a pouco mais de umas pequenas faxas plantadas de vinha. O cuidado principal, quasi unico que lá existe é para a cultura das palmeiras ornamentaes, para ella convergem todas as atenções e mimos. E' certo, depois de todas as bellezas com que a natureza dotou aquelle pedaço de terra, só uma cultura delicada e mimosa merecia, ali, ser tratada. Os viveiros occupam toda a varzea da Commenda, n'esse lindissimo valle fresco e viçoso, e estão arruados, limpos e varridos pelas aragens do mar, em filas alinhadas ao abrigo dos eucalyptos da ribeira e dos montes pejaados de pinheiros. A palmeira é, como se sabe, de origem tropical, no entanto não tendo localisado o seu *habitat*, dá-se bem na Europa mediterrânica, abundando princí-

palmente a palmeira anã, chamada das vassouras, e com estas outras castas variadas de palmeiras para ornamentação. Em todo o caso, sendo uma especie cultivada, para que evolucione e viva necessita ser rodeada de bastos cuidados e de cautelosas condições de luz, temperatura e humidade, comprehendidas em limites determinados, condições estas que o nosso paiz, com vantagem, lhe assegura pela amenidade do seu clima.

O desenvolvimento da palmeira dá-se tanto melhor quanto mais argiloso é o terreno, talvez por assim ser, toda a região de Setubal as cria á farta. Ha palmeiras por toda a parte. A casta mais vulgar, aquella que melhor se aclima entre nós, é a *Phoenix Canariensis*. A cultura da palmeira ornamental, para exportar, foi iniciada na região, ha uns vinte e cinco annos, na Herdade Real do Pinheiro—da Casa do Infantado—na posse do sr. E. Bartissol. A esta, seguindo-se as plantações da Commenda, e mais modernamente dedicaram-se ao cultivo das palmeiras os srs. Joaquim Novaes e Pessê. Todos es-



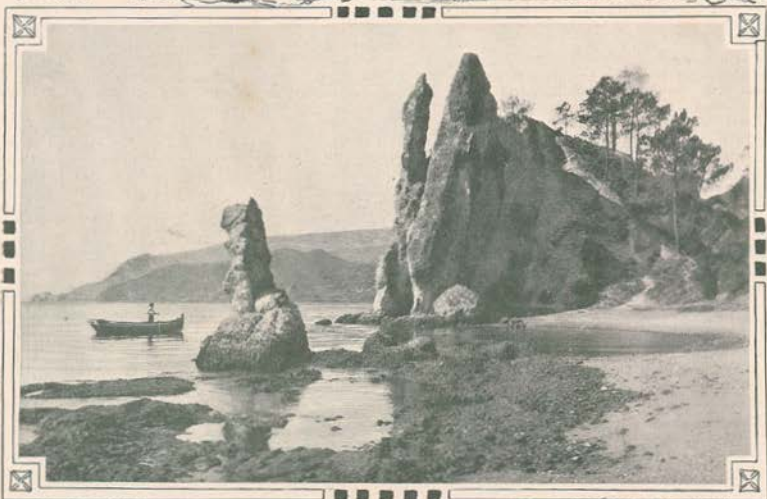
1—Um aspecto da praia da Rainha  
2—Um viveiro de palmeiras



tes cultivadores se tem esmerado pelo aperfeiçoamento das castas, o que, vantajosamente, tem conseguido a especialisar o sr. Costa Novaes, na quinta dos Cyprestes, onde existem lindos exemplares das mais apuradas qualidades. Entre as espécies superiores tem sido cultivadas a *Cocos Fluxosa*, a *Kendia Balmoreana*, a *Kendia Frasieriana* e a *Cocos Australis*, sendo esta palmeira uma das mais finas e que atinge o valor de seis e oito mil réis no tamanho regular que pôde ter uma

planta de sala. Na Comenda, é também a *Phoenix Canariensis*, a casta predominante, e que, para negocio, é a cultivada com mais vantagem. As sementeiras são feitas durante o mez de abril, tendo, previamente, as bagas que constituem a semente, sido descascadas e postas entre camadas de estrume—estufas—para que germinem a uma temperatura elevada. Abreviada, por esta forma, a germinação que se completa entre doze a dezoito dias, dispõe-se então em pequeninos vasos, e n'isto tem a pratica observado que, o tamanho dos vasos, para melhor desenvolvimento da planta, deve ser mais pequeno do que primitivamente foi usado. Por sua vez, os vasos, são mettidos na terra, adubada com materias azotadas, alinhados nos canteiros, arruados e varridos, e collocados, ali, com regras e precauções, medeando de vaso para vaso uma distancia de quinze a vinte centimetros, cobrindo-os de seba que não só aduba como protege a planta dos raios solares intensos dos mezes quentes. As ruas dos viveiros são ladeadas por barricas, enterradas no solo até meia altura, nos topos dos canteiros, destinadas a conterem a agua para regas, que, lá de cima, de uma repêza, vem para ellas encanada. A agua, utilizada para regar os viveiros, não é simples, tem combinados a que não é estranha a ureia, muito proveitosa para o melhor desenvolvimento da palmeira. Ali, nos viveiros, esperam as plantas, dezoito mezes ou dois annos, a época propria da sua transplantação—tempo minimo—que é feita ali pelos mezes de março ou setembro. N'este tempo, a palmeira que já mede uns trinta centimetros de altura, encontra-se apta para ser exportada.

Tendo chegado a occasião capaz de



1—Um viveiro de palmeiras adultas  
2—Penédo da Esquelha





nos, mantendo-se as culturas, actualmente, começadas poderá produzir quinhentas mil palmeiras, das *Phoenix*, por anno.

D'estes exemplares, com dois annos, regulam o seu preço de venda em dois francos.

As especies mais finas, taes como as *Kencias*, e que mais alto valor adquirem, tambem necessitam de novos cuidados e são alvo de maiores attentões. O seu desenvolvimento faz-se em estufas apropriadas—estufas rotas— cujas paredes são formadas por esteiras, bem como os tectos, protegendo-as, d'este modo, das geadas que as flagellam.

Na Commenda, os viveiros, parece que apresentam um outro relevo, certo, porque a natureza lhe confere um relevo muito seu, um cunho unico que os destaca. E ao sair de lá, até ao portão, caminhando sempre por entre palmeiras, palmeiras por todos os lados, de todas as edades, volta-se para traz, na despedida, um olhar onde levamos preza uma visão indelevel d'aquella paysagem soberba, e, já na curva da estrada— cá em cima — não podemos fugir, ainda, a olhar a Commenda uma vez mais.

Mas quando se desce o rio, a casa, vista do mar, tem um maior encanto. Todo o olhar que passa perto, se detem, ali, contemplativo.

Ainda, ha mezes, n'um passeio de mar, passeio alegre de gente moça, ao portinho da Arrabida, por uma manhã de maio, viva de sol—passava uma brisa leve—uma rapariga muito gentil e loura, depois de ter indagado de mim o que era aquelle palacete encantado, dizia-me, olhando

scismadora, com a luz verde-triste dos seus olhos puros, as aguas limpidas e tranquillias, que o rebocador ia abrindo, suave, n'um comprido golpe— «Como deve ser bello ver d'aquellas janelas um pôr de sol no oceano...».

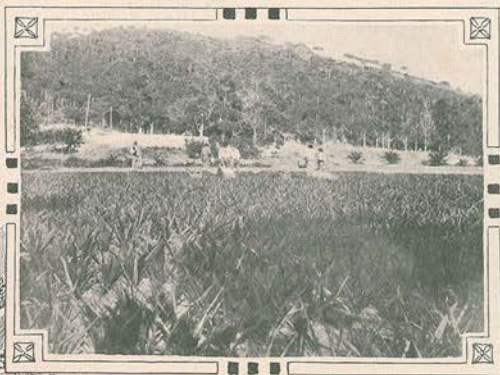
Rio da Figueira, Julho de 1910.

FERNANDO  
DA  
CUNHA  
E FOYOS



se exportarem, encaixotam se, acondicionadas entre palha de centeio, aos trezentos e quinhentos exemplares por cada caixote, afrestadas para que se dê a precisa respiração da planta. São milhares as palmeiras exportadas annualmente, pela barra do Sado, e tudo aquillo os mercados da Belgica recebem encarregando-se de as espalhar pelo mundo inteiro.

O mercado allemão principia tambem a collocar palmeiras. Setubal dentro de trez an-



1—A estufa das *Kencias* 2—A antiga casa da Commenda  
3—A rega dos viveiros

# CANALEJAS · E · O · CLERICALISMO

Depois da França — a filha — mais velha da igreja — é a catholica Hespanha que fala alto ao Vaticano. Não é este o primeiro incidente que o paiz vizinho tem com a Santa Sé, ácerca do ponto de vista de limites do poder espiritual e temporal. O Vaticano não quiz reconhecer Isabel II, estando latente o conflicto durante annos; no tempo da republica e no de Amadeu I novas dissensões, e, finalmente agora, a lucta travada entre Canalejas, que incarna o sentir da Hespanha moderna, ea igreja onde prepondera Merry del Val, o hespanhol que, na sua purpura, é o passado.

O conflicto começou deante da expulsão da actriz hespanhola Rozaria Soler do templo da Virgem del Pilar, onde fôra pagar uma promessa; exacerbou-se com a morte de uma noviça que sahio do convento de Cienpuzuelos e que parece ter sido victima de torturas mysticas. A imprensa collocou a questão; o governo interveiu; tratou-se immediatamente da regularização das ordens religiosas e da liberdade de cultos, de medidas que a Hespanha monastica

não quer accèptar, mas que a maioria dos hespanhoes reclama. Começaram as negociações com o Vaticano que, no dizer do ministro dos estrangeiros sr. Garcia Prieto, faz a sua costumada politica protelando as questões; o carlismo lançou mão do facto para agitar os catholicos que pensaram em fazer uma grande manifestação, a qual se conteve com a presença das tropas. Os clerics, dentro dos seus clubs, soltaram morras á Hespanha e a Canalejas, que disse sentir-se satisfeito por o amaldiçoarem juntamente como nome da patria.

Finalmente, ao cabo d'alguns dias, de negociações com a Santa Sé o sr. Ojeda,



Afonso XIII lendo o texto da nota expedida ao Vaticano pelo presidente do conselho Canalejas  
(Cliche de Chusseau Flaviensi)

ministro plenipotenciario de Hespanha junto do Vaticano, sahio de Roma, entregando a legação ao secretario e declarando que apenas partia para receber ordens do seu governo.

Um jornal hespanhol publicou a caricatura do sr. Ojeda, comprando um bilhete de ida e volta na estação de Roma e dizendo que venderia este ultimo ao nuncio. Apesar da affirmativa do diario madrileño, duvida-se ainda que se cortem completamente as relações entre a Hespanha e a Santa Sé, apesar da fórma verdadeiramente digna porque Canalejas tem procedido n'este conflicto, a ponto dos partidos mais avançados lhe terem dado o seu applauso.



# A CONVERSÃO DE UM HERÉTICO.. NO SÉCULO XX



Gomes Leal que pela revolta anti-religiosa da sua poesia foi cognominado o poeta satânico, o auctor da *Carta ao bispo do Porto* e do *Anti-Christo*, converteu-se ao catholicismo e filiou-se no partido nacionalista ao fim d'uma vida toda dedicada aos ideaes revolucionarios.

O genial poeta soffreu um rude abalo após a morte de sua mãe que idolatrava e como ella na agonia lhe pedisse para ouvir a missa por sua alma não hesitou em cumprir a ultima vontade da santa senhora. Foi durante este acto—diz o auctor da *Historia de Jesus*—que sentiu irresistivelmente o desejo de se dedicar á religião catholica, de a defender com a sua penna e de expurgar a sua obra de todas as cousas irreverentes para a egreja que, de resto, são as suas mais bellas paginas.

A conversão de Gomes Leal, do poeta do satanismo, fez uma grande impressão em todo o paiz que atravez das suas poesias só vira

- 1—Gomes Leal
- 2—O poeta e uma sua discipula
- 3—A *Thouanda do convertido* Gomes Leal, na sua casa do Paço da Rainha (Clichés de Benoitel)

as imprecações e não um certo fundo de mysticismo latente em algumas d'ellas e que deante da sua grande dôr desabrochou n'esse acto de religiosidade, por uns condemnado em nome dos principios e por outros perdoado em nome do sentimento que o dictou e do grande talento d'esse impulsivo poeta feito para as grandes audacias que n'estes temperamentos dão por vezes em enormes desalentos.





# O Banho

o culto da agua, a que se elevavam monumentos, que era divinizada nos baixos relevos e nos vasos, a que se faziam poemas e se levantavam templos, como a alguma coisa de sagrado. O *duche* é d'essa epoca; nos banhos publicos as mulheres e os homens collocavam-se sob o jacto continuo d'uma fonte ou debaixo de um orificio pelo qual a agua se despenhava violentamente d'um recipiente que um servo despejava. Dentro em pouco junto ao balneario havia o gymnasio; surgia impetuosamente o culto da athletica que devia desaparecer para de novo resurgir na affirmação de que nada existe de inedito e que a vida

Moysés fez do banho um preceito religioso como os romanos o tornaram n'um lugar de delicias e, por vezes, de morte. O grande legislador hebreu criou a ablução obrigatoria; Seneca escolheu a sua tina de marmore para esgarçar as veias a cumprir a ordem do suicidio.

Em quasi todas as religiões orientaes o banhoexiste como um dogma, acompanha os actos da vida; surge como uma medida hygienica imposta pela crença; mas, em compensação, durante muito tempo o catholicismo fez da ausencia de limpeza um signal de pureza. O cheiro de santidade devia ser um horrivel odôr.

A Grecia elevou á limpeza palacios que eram templos e as elegantes iam, antes de jantar, tomar o seu banho frio desde que o quente foi prohibido em Athenas como gerador da molleza. O hospede tinha preparado o seu banho como o seu leite como o seu repasto e Homero fala das grandes banheiras de prata, onde se estendiam os modelares corpos das formosas gregas. Hipocrates — o pae da medicina — fazia a propaganda dos estabelecimentos de banhos, achava que havia poucos no paiz e adivinha-se o sabio socio de algumas d'essas thermas luxuosas, protegendo o seu desenvolvimento com a auctoridade do seu nome.

Havia n'essas grandes civilizações







1—Os banhos de Plombières no século XVI  
(Gravura extrahida do obra De balneoje extant)  
2—O banho das mulheres, de Hans Sebald Beham  
3—O nascimento de Venus

banhos, concluindo:  
«Desde que os banhos  
são tão limpos os homens tornaram-se mais  
sujos».

O banho tornava-se uma mania n'essa sociedade civilisada; banhavam-se os senhores a todas as horas e muitos morreram por teimarem em tomarem-no depois das refeições. Davam-se nos banhos entrevistas de amor; as lindas romanas como as formosas gregas aproveitavam esse quasi contacto na piscinia para se deixarem amar e isso a ponto de se criar na Grecia a implacavel lei que teve sempre garantido o direito do homem sobre a mulher e que dizia assim: «Uma mulher é culpada se na ausencia de seu marido se banhar junto de extranhos».

Chegou ao exaggero o banho. Já não eram apenas os de agua pura, hygienicos e salutareos que se usavam. As matronas nas suas banheiras preciosas, todas de prata, mergulhavam-se no vinho que sahia da cepa loira de Falerno e da campina romana; variavam com agua das rosas colhidas pe-



é toda feita de regressos e repetições.

Laís apaixonando-se pelo athleta Eubatas de Cyrene, a ponto de lhe propôr casamento, é a antepassada das formosas mulheres d'hoje que adoram os luctadores embora não os vejam nos balnearios como a illustre cortezá viu o forte objecto da sua paixão.

O que foi a epoca magnificante da Roma cesarea e imperial, as thermas sumptuosas que se ergueram, os maravilhosos palacios ao banho que se levantaram, são já um logar commun. No tempo de Constantino edificaram-se oitocentas e cincoenta e seis balnearios que enfileiravam com as numerosas casas de banhos de Agrippa, Caracalla, Titus e Diocleciano.

A sociedade do imperto dava-se entrevistas depois de sahir do *caldarium* ou do *frigidarium*; invadia as salas das thermas onde comia, lia ou conversava n'uma molleza bem diversa dos rudes costumes do tempo de Scipião, o Africano que, após a sua tarefa de lavrador, se lavava na agua fria d'uma vulgar cisterna.

Seneca, que devia morrer no banho, recordava essa simples maneira do grande romano e anemathisava o luxo excessivo que os patricios usavam nos seus

lidos jardins; Hellogabalo, o perverso, juntava as rosas absintho e Popéa, mulher de Nero, banhava-se em leite de burra.

Depois d'estes excessos da alta civilisação que decaiu como um lindo castello de volupias arrastado por uma rajada velu a religião. A limpeza do corpo era temida como uma por-





1—A morte de Seneca no banho  
2—O assassinio do Imperador Constantino no banho

caria, diz Michelet, e havia santas que tinham o grande orgulho de nunca terem lavado nem mesmo as suas mãos que os pintores, mentindo, se compraziam em tornar alvas com hostias.

Foi assim que se desmorrnaram as lindas thermas romanas da península, os balnearios formosos da Lusitania, á medida que o catholicismo avançava com os milagres dos santos, como S. Labre, o canonizado piolhoso.

Venus nascendo das ondas, vindo tão foimosa d'um banho inicial, era o paganismo que se devia destruir.

Vê-se então a crosta canonica dominando e a purificação feita mais pelo fogo onde rechinavam os hereticos do que pela abençoada agua da limpeza e da saude.

Assim foi passando a edade média e dentro em pouco chegavam novamente os banhos publicos como os da Fonte de Juventa da caricatura celebre e os de Plombieres—ainda estancia de aguas das mais bellas—onde o duche era dado por um balde roto no fundo e n'uma casa lageada.

Os banhos medicinaes tinham, tambem, a sua voga e na alvorada dos seculos de galanteria os grandes senhores davam os exemplos.

Luiz XIII deitava pétalas de rosa no banho e a Maintenon, apesar de todo o seu beaterio, tinha uma tina de prata.

Luiz XIV tomava banhos de mar e sabe-se o apparato que D. João V pôz na sua partida para os banhos das Caldas, que não deviam servir de coisa alguma á sua doença, que era esgotamento; a decrepitude. Muito amá-  
ta o rei. Ci-



3—A morte de Marat no banho

ganas e monjas, estalajadeiras e grandes damas tinham passado pelo seu leito real e d'ahi o amarfanhamento do seu corpo que os banhos das Caldas não puderam tornar vigoroso.

E' lendaria a falta de asseio dos moradores do paço de Queluz no tempo do regente D. João e parece que por toda a moradia não seria facil encontrar uma tina, nem mesmo como aquella em que o odtado Marat pereceu com a punhalada vingadora de Carlota Corday. Era n'um recipiente em forma de tapano que o demagogo refrescava o feio corpo e foi all que a gentil mulher o assassinou, tingindo de sangue aquella agua como elle tingira as ruas de Paris em nome dos grandes principios.

Modernamente, por toda a parte se fazem balnearios, ou aproveitando os logares das aguas medicinaes, ou erguendo as nas cidades a preços modicos uns, bem luxuosos outros. Nas praias ha multissimos como n'esse pequeno Ostende á beira do Danubio, a dois passos de Vienna, e recentemente installado pelo municipio, onde só ha alegrias, risos, cantares e onde as lindas mulheres, como no verdadeira Ostende, envergam galantes trajos para mergulharem nas ondas, de que sahem frescas para vi-rem repousar nas areias douradas.





Entre nós ha poucos estabelecimentos balneares luxuosos, mas, em compensação, accorre muita gente ás praias do norte e do sul do paiz a fazer a sua estação balnear. Um grande pudor nos trajes pesados de castorina distingue a mulher portugueza da estrangeira que se banha com o fato de malha collado ao corpo, e por essas formosissimas praias de Portugal o banho não é um espectáculo tão agradável para a vista como as d'além fronteiras.

Emquanto a banhos publicos, por conta dos municipios, teve ha tempos a Camara de Lisboa idéa de os fundar; ali, por baixos preços, o povo podia cuidar do seu corpo, procurar a saúde na limpeza, seguir preceitos de hygiene agora quasi impossiveis nas camadas baixas em virtude da carestia do banho n'um estabelecimento do genero.

Ha um seculo ainda não havia em Inglaterra um só balneario publico, escreveu o dr. Fielding Blandford, e no meado do seculo as duas unicas occasiões em que um operario britannico tomava banho era no dia do nascimento e no da sua morte. Mas desde 1846 os municipios inglezes foram autorisados a fazer os empreitimos necessarios para a fundação de estabelecimentos balneares; na Alemanha, o professor Lassar fez com que se criassem varios balnearios que as municipalidades subvencionam e exploram, como os de Munich, que são luxuosissimos, sendo todas as creanças das escolas communaes obrigadas a frequentar-os; na Belgica foram construidos seis balnearios a expensas do municipio; na Italia a lei de 1903 manda fundar casas de banhos publicos, e em França, desde 1849 que se tem com o banho para o povo o maior cuidado. As piscinas municipaes são muitissimas, não só em Paris,



1—Depois do banho  
quadro de Madrazo (Museo do Prado)  
2—O perfume das sôres  
complemento natural do banho

mas em Auxerre, em Lille, em Dunkerque e Bordeus, nos centros industriaes e agricolas, em Roubaix, em Elbeuf, em Nantes, em todas as principaes cidades e n'algumas das villas.

Não seria tempo de pôr em andamento em Portugal a iniciativa da Camara Municipal de Lisboa, dos municipios de todo o paiz seguirem o exemplo dos estrangeiros e contribuirem assim para a hygiene que é o futuro da raça, para cujo abastardamento muito concorreu o preceito dos doutores da egreja e o clero ao clamarem constantemente contra os cuidados do corpo, dizendo como Gregorio, o Grande, que se a luxuria e a voluptuosidade eram os moveis que faziam procurar o banho não o permitiriam nem ao domingo nem nunca!



UMA SOBREVIVENCIA DO PASSADO · AS COMMENDEADEIRAS

DE SANTOS E  
DA ENCARNAÇÃO

As commendeiras de Santos e da Encarnação, de S. Thiago e Aviz, mantem, com os seus mantos brancos que as cruzes marcavam, um resto da antiga tradição. Out'ora tinham privilegios, hierarchias, bens que os reis como D. João II accrescentavam. O que é a sua vida actualmente, quaes os foros e regalias d'esses commendeiras, cujo titulo é uma curiosa sobrevivencia do passado, dil-o ha a *Illustração Portugueza* n'um dos seus proximos numeros.

(Cliché do sr. A. J. Cunha Junior)





# DE ESCRAVA A IMPERATRIZ

A Abyssinia terá ainda no seu throno uma mulher como exclusiva soberana?! Os *ras* das provincias, os chefes poderosos acabam de declarar que não, depondo a imperatriz Taitu e nomeando successor d'esse *negus* mysterioso, que os telegrammas ora nos dizem morto, ora nos mostram cavalgando pela sua capital, o imperador Jesus.

E' possivel, porém, que os acasos da politica conduzam um dia ao throno a mulher singular, cuja vida tem sido uma serie de derrotas e de victorias, de esmagamentos e de exaltações, que já an ou descalça atraz d'um exercito e agora se mostra com o seu diadema bysantino, a imperatriz Taitu tão estranhamente provada na existencia.

A sua mocidade passou-a conspirando ao lado do primeiro marido, um pequeno chefe, tentando depôr o imperador Johannes; foi-lhe adversa a sorte e sequestrados os seus bens, mortos os seus homens d'armas, o esposo amarrado a uma cadeia de prisioneiros deram n'a os vencedores de presente a um solda-



1—A Imperatriz Taitu, viuva do Imperador da Abyssinia, deposta pelos chefes abyssinios  
2—O novo imperador da Abyssinia, Jesus



do. Era a sua escrava; seguia-o pelos caminhos horribéis da Abyssinia, os pés sangrando, conduzindo o odre da agua ás costas ligado por duas cordas cruzadas no seu peito formoso, meia nuu, andando dia e noite como uma seiva, soffrendo vexames, brutalidades, pancadas. O que devia passar-se n'aquella alma de mulher habituada ás pompas, feita para mandar, quando á noite o soldado, seu senhor, dormia ao luar das fogueiras que estendiam as sombras das sentinellas de lanças altas?! Naturalmente um novo desejo de aventuras vivia no seu espirito. Um dia o acaso de uma batalha deu-lhe a liberdade; no meio das agonias ella achou a ventura, encontrou-se de novo n'um leito de chefe. Depois?! O mysterio insondavel d'um destino. Taitu passou d'esse leito para outro; depois para novos braços e assim foi ascendendo como uma cortezá trazida da lama d'um acampamento para um palacio real.

O imperador Menelik viu-a e desejou-a;

quiz-lhe com um entranhado amor, começou a vêr pelos seus grandes olhos negros, a falar pelos labios grossos e sensuaes e de repente abandonou Bejana—a amante de muitos annos—pela antiga escrava do miserio soldado morto n'uma batalha. No fundo d'um convento Bejana foi expiar os gosos d'um imperial amor e um dia o povo viu Taitu com o manto de purpura pelos seus hombros—d'onde ainda não se tinham apagado os signaes das cordas com que sustentara os carretos nas travessias—ao lado de Menelick, e acclamou-a imperatriz da Ethiopia com o grito sagrado de *Ba Alga*. Para o leito! bradaram as *ras* e os chefes, os senhores de todas as provincias aos pés da

os mysterios em volta da successão ao throno, tudo isto enquanto o soberano com os sons roucos da sua voz pede que não lhe levem a mulher de junto do leito da agonia que ella fizera tão voluptuoso outr'ora com os seus beijos. Mas a voz e os gestos do *negus* já não tinham imperio e um senhor mais energico proclamou desde logo a queda de Taitu e a successão do imperador Jesus. Foi deposta; junto do rei agonisante era de novo uma escrava. Não tinha aias nem servas; levaram para o thesouro real as joias bysantinas que tinham brilhado na sua frente; a corôa, a purpura, os attributos sagrados da sua realza e reduziram-n'a ao mesquinho papel de enfermeira.



A imperatriz Taitu e o Imperador Menelick  
(Clichés Chusseau Flaviens)

antiga escrava. Também por occasião da invasão dos italianos em Adua, o exercito viu a extranha de grandeza, soberba de coragem, ordenando a resistencia, impedindo a retirada, dando um grande logar á Abyssinia com o desbarato dos invasores e sendo d'ahi por diante a verdadeira soberana.

Em volta de Taitu formou-se um partido politico; ella enriqueceu e distinguiu os seus; creou vassalagens para os partidarios; impô-os e á medida que o *negus* ia perdendo as forças subia a imperatriz em poderio com grande raiva dos adversarios. Começou então a intriga, a terrivel intriga de todos os paços, as conspirações de todas as côrtes e appareceu a serie de factos que tornam extranha como um conto da meia edade a historia moderna da Abyssinia.

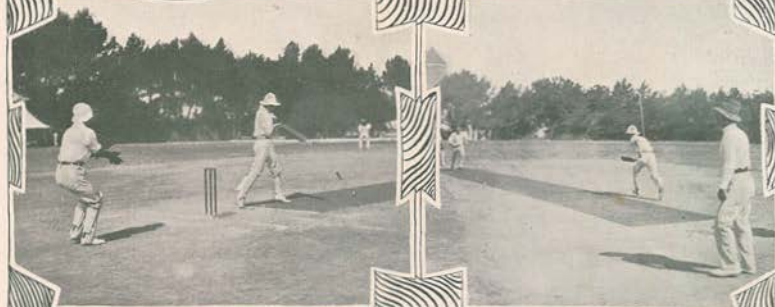
Primeiro fala-se do envenenamento do imperador; depois vem o ataque de paralytia que o ia victimando; os receios, os medos,

Em volta do paço já não se ouviam os protestos; os seus partidarios ou tinham ido para longe sacudidos como vencidos ou tinham feito a propria venda aos vencedores. Depois de ter reinado vinte annos, sobre Menelick e sobre a Abyssinia, Taitu regressa á escravidão.

Mas quem sabe se aquella fronte, onde ha os inequivocos signaes da superioridade, se vae abater; quem sabe se o exercito não recordará a corajosa mulher que lhe deu a victoria contra os italianos e se um dia breve ella não estará de novo no throno guardando na sua mão o poder e no fundo d'um carcere o pequeno imperador Jesus cujo nome parece predestinado para os sacrificios? A politica, mesmo na Abyssinia, tem tantas surpresas, que não admira nada que de novo reine, sobre a Ethiopia e sobre um novo marido, essa mulher feita para o dominio e a que a Europa já chama a Theodora africana!



# O MATCH DE CRICKET EM CARCAVELLOS



1—Os dois grupos de Carcavellos e de Charles Etur 2—Torçeis entre os srs. Jacob Eagleson, Marsden Bettencourt e Jackson 3—Os srs. Marsden, Bettencourt, Jacob Eagleson e Trotter no jogo 4—Uma phase da partida entre os srs. Keating, Jacob Eagleson, Trotter  
 5—Os srs. Jackson, Preadle, Marsden, Jacob Eagleson, Bettencourt Trotter no jogo—(Cliche de Benille)

# FIGURAS E FACTOS



1—O rei de Hespanha, na sua recente chegada a França, conversando com o capitão Schneider, que foi ferido por ocasião do attentado da rua de Roma ha alguns annos e a quem Afonso XIII baptisou um filho.  
(Chêz de Chusseau Flavien)

2—D. Elvira Leite, laureada do ultimo anno do curso superior de piano no Conservatorio

3—Pedro Blanco, compositor e pianista, auctor da grande composição para piano *Hispania*

4, 5 e 6—A epidemia da varuola em Lisboa. A vaccinação gratuita na Sociedade da Cruz Vermelha (Chêz de Escholich)







Mafra, — a frígida e ventosa Mafra — dominada com arrogancia pelo seu famoso convento, é uma terra adoravel, de bellas aguas crystalinas, arvoredos frondosos, e crepusculos profundamente emocionantes.

A povoação actual é constituída por dois grupos distinctos de habitações, sendo o mais modesto d'elles conhecido, vulgarmente, por *villa velha*. Duas ladeiras íngremes que se bifurcam em baixo, no terreiro da villa velha, ligam esta á Mafra nova, á Mafra do convento, á Mafra por excellencia; ao trajecto d'essas duas ladeiras, descer uma e subir a outra, toda a gente na terra chama *dar a volta dos tristes* — locução muito sentimental e poetica, cuja mysteriosa procedencia ninguem sabe explicar. A villa velha é a Mafra primitiva, a antiquissima *Mahafra*, que a intrepidez victoriosa de D. Afonso Henriques conquistou aos mouros, offertando-a depois a D. Fernão Rodrigues Monteiro, a mesma a quem el rei D. Diniz, em 1304, e D. Manuel, em 1513, concederam foraes novos. A igreja de Santo André, erguida ao cabo da villa e voltada ao oceano, é um vetusto templo gothico, mordido dos seculos, que — a despeito das barbaras e condemnaveis profanações artisticas que lhe tem infligido os iconoclastas modernos — affirma com

altivez uma remota antiguidade; sob as suas arcarias decrépitas, jazem, n'uns sarcophagos de mármore muito humildes, as veneraveis ossadas de Diogo Afonso de Sousa e sua mulher D. Violante, que foram senhores de Mafra ahí pelo seculo XIII. Parochiou em Santo André o insigne portuguez Pedro Julião, credito da cidade de Lisboa, sua patria; pois além de ser peregrino medico, singular astrologo, era tão erudito nas philosophias, que foi o primeiro que em Hespanha compoz a Logica, que

muitos annos se leu nas escolas publicas. — segundo diz fr. Claudio da Conceição, no seu amalgamado *Gabinete Historico*; de prior, Pedro Julião, — foi subindo nas dignidades ecclesiasticas, até coroar-se com a tiara pontificia — effectivamente, por fallecimento de Adriano V, elegeram-no papa, em Viterbo, a 13 de setembro de 1276, sob o nome de João XXI, mas oito mezes depois morria victima de um desastre no palacio da sua residencia, esmagado por uma abobada que desabou de subito. Mafra, como a maior parte das terras mais antigas do nosso paiz, outr'ora teve tambem o seu castello — segundo referencias vagas de varios documentos antigos do archivo municipal — porém, esse desaparecido baluarte, consumiu-se de tal maneira, que nem sequer vestigios deixou. Presentemente, nada resta do



1—O convento de Mafra (Cliché de Benoitel) 2—O atrio da basilica



1—O convento visto da villa velha  
2—Vista interior da basilica  
3—Um salão e um «mafario»

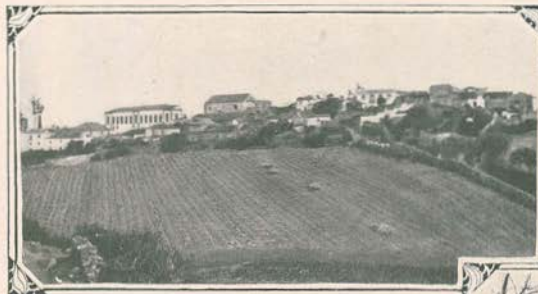
pretendido esplendor antigo da povoação; as edificações, relativamente modernas, não soffrem curiosidade historica alguma. tem, todavia, o seu accentuado caracter regional, se bem que não seja, a rigor, o das typicas casas saloias dos arredores de Lisboa. Em tempos idos, Mafra teve albergaria: era n'um arrabalde da villa velha, junto á ermida do Espirito Santo, foi n'ella que se installaram os primeiros frades que a povoação importou, muitos annos antes d'aquella importante remessa que d'elles lhe fez D. João V, de *freiratica memoria*, — como diz Garrett — cujo reinado foi para as comunidades religiosas um delicioso maná, pois o beaterio serodio do monarcha — como pretendendo penitenciar-se dos beijos peccaminosos imprinidos ás freiras — expandia-se em prodigalidades roichildinas, procurando contentar os frades. Sempre que ia a Mafra, o amante de madre Paula, nunca se esquecia de ir visitar, ao primitivo convento, os seus bons amigos franciscanos; depois da missa, que ouvia com a maxima attenção, na capella do Espirito Santo, percorria as cellas e cheirava os cantos, mettia o nariz em toda a parte, «sem que repugnasse á soberania da sua grandeza, entrar até na mesma cosinha — frisa o auctor do *Gabinete Historico*; e, á sai'la, recommendava, solícito, que á hora do jantar lhe mandassem uma ração de frade, para comer á sua meza, «o que ordinariamente costumava fazer quando passava o dia nas visinhanças de algum convento.» Mas essa pobre e limitada porção de comida, a qual, indo á sua real meza, co-



mia d'ella, e por muita mercê a mandava repartir pela meza de Estado, onde aquelles senhores faziam a mesma cerimonia, imitando as acções piás e devotas, que viam, no seu exemplar monarcha, pagava-a elle com largueza, pois quando foi do lançamento da primeira pedra d'aquella monstruosidade hieratica

que mandou edificar em Mafra, espaventosa solemnidade, em que se derreteram para cima de duzentos mil cruzados, deu ordem para que abrissem, á franca, a sua uxaria aos frades, offerecendo-lhes ainda por cima um banquete principesco. Foi durante o reinado do rei magnanimo que a Mafra primitiva teve a sua maior effervescencia vital. No decurso das pomposas festividades da edificação da famosa bisarma, a côrte dava-se ali *rendez-vous*; logo de manhãzinha el-rei saía do aristocratico palacio do visconde de Ponte de Lima — hoje um velho pardieiro ao abandono — e, por entre alas de camponios boquiabertos, atravessava a modesta povoação ao som dos clarins, galhardamente escaranchado no seu bello cavallo baio, seguido da fidalguia privada e da sua luxuosa guarda





mysterioso, disse vagamente — «El rei terá filhos se quizer...» — e, sem accrescentar mais nada, movendo lesto as sandalias, retirou-se logo, fechado a sete chaves. Foi uma revelação... Dias depois, convidado a explicar-se com mais clareza pelos mesmos nobres senhores, o matreiro arrabido abriu-se, então, elucidativo: — «Prometta el-rei a Deus fazer

allemã ... com tanto luzimento na diversidade das galas, e preciosos jaezes dos soberbos brutos, em que vinham montados, que egualmente recreavam a vista e admiravam na riqueza!» — exclama fr. Claudio, maravilhado.

Presentemente, a villa velha é uma velha villa em decadencia. A sua actividade preterita extinguiu-se de todo; a sua vida actual é uma somnolencia pegada; essa morte apparente, esse entorpecimento de povoação exausta, opprime a alma. Paira ali um silencio aterrador, que peza no cerebro; só, longe a longe, se ouve traquinar nas pedras da ruas solitarias a espada reluzente dos aspirantes da Escola Pratica que, para dar a volta dos tristes, ali vão de passeio depois de jantar.

A Mafra nova, a do convento, nasceu... do parto d'uma rainha! Embora pareça ironica a affirmativa, é historicamente veridica. Havia já tres annos que D. João V se tinha consorciado, sem que houvesse nascido o successor á corôa, o ambicionado filho varão, que devia herdar o sceptro brigantino. Toda a côrte, desoladissima, falava do estranho caso, como de uma calamitosa maldição que pairasse sobre o throno. Uma tarde, porém, na sala dos Tudescos, encontraram-se uns aulicos do paço com fr. Antonio de S. José, que vivia em cheiro de santidade, e, falando-se entre elles d'esse contra-tempo nefasto que ameaçava a monarchia, o frade, com ar



um convento na villa de Mafra, que logo Deus lhe dará successão.» — Disseram-n'oa monarchia, e elle e a rainha formularam, de prompto, o voto a Santo Antonio, advogado dos consorcios infecundos. «Não se passarão muitas semanas, que por signaes ordinarios se não conhecesse desempenhada a profecia...» e a 4 de dezembro de 1711 nasceu, effectivamente, a princeza D. Maria Barbara. Poucos annos depois iniciaram-se as obras do mosteiro: n'uma collina sobranceira á villa seiscentos homens começaram de abrir os alicerces. A 17 de novembro de 1717, el-rei lançou a primeira pedra da igreja; empunhando a colher de prata, o soberano esten-

1—Vista geral da villa velha 2—Uma alea da Tapada 3—Uma das lagoas da Tapada



dia a argamassa de pedreiro e, á laia de serventes, as grandes sumidades ecclesiasticas transportavam pedras em cestos vindimos, e os

fidalgos acarretavam coches de cal, singularizando-se entre todos o visconde de Ponte de Lima, que o levava sobre a cabeça, com grande alegria. E as obras proseguiram.

Era uma actividade estupendano Alto da Vella, onde o convento ia emergindo lentamente; trabalhavam na fabrica colossal cincoenta mil obreiros que, na maior parte, tinham sido coagidos a dar o seu esforço laborioso pois, para contentar o monarcha que queria aquillo acabado com urgencia, o auctoritarismo bajulador das corregedorias de todo o reino arrebanhava-os a chicote, e indifferentemente se obrigãvao a vir com os uteis os incapazes de trabalho. A gente de sandalias andava radiante, antiphonando a religiosidade fervorosa do grande e nunca assas louvado Senhor Rei D. João V., mas os pobres-diabos, que os esbirros diligentes tinham ido arrancar ao fundo tranquillo da sua aldeia, rangiam os dentes na agonia, — attingidos pelos grandes cubos de granito que, de quando em quando, vinham a terra porque os grossos calabres que se elevavam haviam estalado de subito, — morrendo esmagados como uvas... para maior gloria de S. Francisco de Assis!

Logo de madrugada aquella infeliz multidão de proletarios — que muitas vezes estava cinco mezes seguidos sem receber salario — começava de mover-se effervescente, laboriosa. Quatrocentos e quarenta homens transportavam pedras de cantaria, a pau e corda; outros faziam

rodar os sete mil carrinhos de mão, que os ségeiros de Lisboa tinham construido por imposição régia; conduziam a terra revolvida das excavações, d'um para outro lado mil e oitocentos carros puxado cada um a duas cavalgaduras; as tres mil juntas de bois dos lavradores — que eram obrigados a apresental-as de semanas para dar uns tantos dias de trabalho, — prestavam tambem o seu util concurso; e sete mil soldados de infantaria e de cavallaria policiavam o grande formigueiro humano ajudando, igualmente, por turnos successivos, nos trabalhos de desaterro e nas necessidades de serventia. Em frente da obra, n'uma larga extensão, o terreno estava pe-

jado de materias e utensilios. Quatrocentas pipas e duzentas dornas com agua para amassar a cal, alinhavam-se; por toda a parte se erguiam verdadeiras montanhas de pedra britada e de areia das pralhas da Ericeteira; collinas de cal virgem alvejavam aqui e ali; succedia-se a volumosa agglomeração das ferramentas de reserva; eram d'uma sequencia infini-



ta os monticulos de cascalho; abundavam alturadas rufmas de cordas grossas e fortissimas para os cabrestantes



1—Um enxoval de noivado conduzido n'um carro de bois  
2—A egreja de Santo André de Mafra em reconstrução  
3—Ruínas do palacio dos viscondes de Ponte de Lima

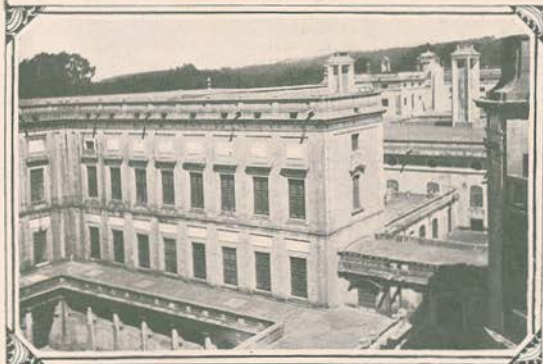




monstro, que dia a dia ia erguendo o seu arco-boiço gigantesco, tinham-se edificando habitações para essa pobre gente que só por elle trabalhava. Era uma verdadeira cidade de barracas de madeira; ao lado dos vastos telheiros das officinas erguiam-se as casas de sobrado dos mestres d'obras, vedores, e officiaes que commandavam a tropa policiaente; frente a frente aos armazens, ás abegoarias, ás cavallariças, estendia-se o abarracamento dos operarios; em amplas tendas de campanha accommodavam-se os soldados; havia tambem muitas casas de pasto onde os trabalhadores podiam ir comer a credito; e n'um logar mais eminente do arraial levantava-se uma grande capella onde se dizia missa ao domingo.

Finalmente, em 1730, a 22 de outubro, dia do anniversario do monarcha, comquanto as obras não estivessem ainda de todo ultimadas, effectuou-se a sagração da basilica. Foi uma festa de arromba, «a mais celebre do mundo», que durou oito dias consecutivos. A's solemnidades religiosas, d'um brilhantismo sem precedentes, assistiu a familia real, toda a côrte, a flôr da nobreza do reino, dois cardeaes, quatro bispos, diversas dignidades superiores dos conventos, trezentos frades e muito povo; sob as abobadas do grandioso templo engalanado reboavam os sons harmonicos dos seis orgãos colossaes, e o patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida, procedia ás ceremonias do rito espargindo agua-benta por toda a parte, enquanto o soberano, de Pontifical aberto

na mão, andava no meio da padralhada que entoava festivamente *kyrieleisons*; á tarde, quando a comunidade entrou no refectorio para jantar, viu-se hum espectáculo tanto



1—Um dos orgãos monumentaes da basilica  
2—Terraços de Malra—(Cliché de Benoicé)  
3—Aspecto da frente do edificio visto do torreão do sul

de elevar os pedregulhos para fazer as paredes; ao lado das extensas pilhas de madeira de diferentes qualidades que tinha vindo de Leiria, da Italia e até mesmo do Brazil, levantavam-se orgulhosos os grandes montões vermelhos de tijolo adquirido no Algarve, no Douro, e no termo de Santarem, pois de todos os recantos do paiz continuamente chegavam novos materiaes necessarios á conclusão da monstruosa obra. Nas pedreiras de Pero Pinheiro não se descansava um instante; e por esses campos fóra, pelas cercanias além até ao mar, d'onde Torres a Cascaes, os innumeraveis fornos de cal fumegavam de continuo.

Como é de suppôr, em torno do





mais admiravel quanto menos esperado! El-rei—elle proprio, em pessoa,—com a coadjuvação dos infantes e camaristas do sequito, serviu á meza os seus bons amigos franciscanos, ao passo que lá fora, no adro, os quatro regimentos da guarda de honra davam descargas de escopeta em signal de regosio, e os continuos repiques de hum grande numero de sinos das torres em estrondozas vozes publicavão a plausivel noticia de tao grande celebridade.

Quando falleceu D. João V, já estava totalmente concluido o monstruoso edificio; occupando uma area de quarenta mil metros quadrados, ergula-se soberbo no Alto da Vella, dominando o mar, povoado dos seus duzentos e dez frades, com as suas cinco mil e duzentas portas e janellas, os seus oitocentos e oitenta e seis quartos e salas, as suas duas torres de setenta e seis metros d'alto, guarnecidas por noventa e seis sinos, tao famosos que até os proprios garotos da rua, contando os saltos do jogo do eixo, exaltam:—«Onze: os sinos de Mafra são de bronze!»

Involuntariamente, talvez, o convento originava a desoladora decadencia da Mafra antiga, cercando-lhe todo o seu soberano e immaculo prestigio de povoação primitiva; e razões de sobra tinha mestre Frias uma tarde, em Mafra, quando—n'um gesto largo de Tartarin, apontando primeiramente a bismarria de pedra e depois a villa velha lá ao longe, afogada já na poeira

cinzenta do crepusculo, n'uma paraphrase ao celebre pensamento de Victor Hugo na *Notre Dame de Paris*, me disse cheio de solemne gravidade:

— Isto matou aquillo!...

De facto, o convento matou a villa velha...

Emquanto diversos successos se desenrolavam portas a dentro do Real Edificio, nas suas entranhas de colosso de granito, passaram deante d'elle escriptores de espirito que, admirados da sua enormidade formidavel lhe arremessaram, escarminhos, o seu apodo de intellectuaes; o auctor do *Portugal antigo e moderno* chamou-lhe *fanfarronada de pedra e cal*; Camillo Castello Branco, *pia parvoice*; Pinheiro Chagas — o que escreveu esse adoravel episodio das *Tristezas á Beira-mar*, — *um grande cadaver*, e Alexandre Herculano — que depois de ter feito a purificação historica do milagre de Ourique, desenganado por completo de tretas litterarias, se encafuou em Valle Lobos, dedicando-se exclusivamente a purificar o seu celebre azeite, — *uma sensaboria de marmore*; — mas á sombra extensa da sua frontaria cyclopica, emergindo manso e manso, — hoje uma casa edificada, amanhã outra — uma nova povoação surgiu. Era a Mafra nova...

Toda a actividade fremeo da vida moderna — o commercio, a industria, a burocracia — se condensa na Mafra nova. Os habitantes — que os seus vizinhos ericeirenses chamam *mafáricos* — são amaveis em extremo, brandos no trato, e d'uma docilidade que captiva. Os homens, physicamente, são bem proporcionados, e as mulheres, como quanto sympathicas, d'um coquetismo inexcedivel.

E' aos domingos, em geral, que o *mafárico* effectua as suas transacções com o *saloi* dos ardores — curioso typo mestiço de raposa matrieira e gallo pimpão. O *saloi* é um grande enigma ethnologico; desvendar a sua psychologia tenebrosa é revelar um mysterio; elle individualisa-se chaparreiraemente, entre toda a nossa gente do campo; desde Melgaço ao Cabo de Santa Maria arremessam-lhe insinuações ironicas os habitantes das outras provincias, que, pelo epitheto deprimente de *saloi bruto*, pretendem caracterisa-lo e definil-o.



1—O pittorresco sitio de Celabredo na Tapada  
2—Manada de zebus a caminho do pasto



Directo descendente de mouros, irrita-se com facilidade por dá cá aquella palha; a sua linguagem inculta é cheia de pittoresco; como unidade arithmetica dá preferencia á duzia, pois conta tudo ás duzias— os repolhos, os melões... e os foguetes; ajuiza do brilhantismo de qualquer romaria pelas duzias de foguetes queimadas— se foram muitas a festa foi de estrondo, se foram poucas não prestou; empunhando o seu inseparavel varapau ferrado faz d'elle o seu arrimo e a sua mais temivel arma de defeza, pois manifesta um altivo desdem por esses variados instrumentos mortiferos— punhaes, facas, pistolas, etc.,— que a civilisação tem introduzido no progresso de assassinar o semilhante; as suas questões liquidam-se á cacetada, mas com a mesma facilidade com que mata o cão que lhe saltou ás uvas, desfaz-se do antagonista attingido pelo seu rancor e, todavia, não falta á missa das almas, todos os domingos, assistindo ao acto, respeitoso e concentrado, de joelhos e mãos postas!

Em coisas do coração é d'uma curiosa simplicidade; o seu amor é sem espiritualismos; a paixão nunca chega a perturba-lo.

N'um dos domingos de julho realisa-se em Mafra, no largo do Real Edificio, a feira da Murgeira, onde concorrem, em largo numero, os campones e camponias das cercanias.

A' tarde, as raparigas vão sentar-se nas escadas da basilica e os latagões de aldeia, aproximando-se matreiros, passam-n'as em revista; quando um d'elles descobre a que lhe agrada fixa-a intencional e pisca-lhe o olho esquerdo; se ella sympathisa com elle, tambem, pisca o olho direito que é a senha para se acercar e chegarem á fala; então o rapaz planta-se deante d'ella encostado ao varapau, ageita a jaqueta domingueira que traz sempre despidida e ao hombro, dá um piparote no chapéu desabado, mostra um sorrisinho alvar, e larga-lhe esta:—«Egraço munto com a menina...» ao que ella replica, torcendo o lenço nas mãos grosseiras a queimadas do sol dos campos livres.—«Tambem eu engraço munto com vomecê...»— Prompto, não ha mais preambulos; pegam-se logo de conversa que dura até noite fechada, indo elle por fim acompanhá-la a casa, que muitas vezes dista leguas da sua.

Tem então successivas entrevistas de domingo a domingo, porque durante a semana andam ambos na labuta diaria, para onde elle corre pressuroso, sem olhar ao alongamento, das distancias, pois o amor dá-lhe azas. E o romance acaba no consorcio, indo elle á villa, primeiramente, buscar o enxoval de noivado que leva em triumpho até á aldeia n'um carro de bois de fúeiros enfeitados a verdura e laranjas, porque o saio, em geral, só se casa no tempo das laranjas!

Depois do soberbo edificio o que mais celebra Mafra é a sua famosa Tapada— vasto parque de vinte kilometros de circuito fechado por muros de alvenaria, abundantissimo em caça, com sitios muito pittorescos— como o Celabredo e as Lagóas— e

cortado em todas as direcções por optimas estradas a *mac-dam* onde ás vezes passam, caminho das pastagens, grandes manadas de zebus baloiçando gravemente as corcovas.

Proximo ao convento ainda existe a Horta dos Frades, d'uma verdadeira amplitude á D. João V; ao fundo d'ella, para o lado do mar, abre-se um vasto tanque de cincoenta e oito metros de comprimento por vinte de largura, rodeado de bancos, e semprecheio de agua onde nadam, vivazes, infinitos car-



O convento de Mafra visto ao luar

(Cliché do amador sr. João Costa)

dumes de peixes vermelhos. Solitario e silencioso, é um logar adoravel que convida ao devaneio e ao amor. Foi outr'ora o passeio preferido dos frades que, á tardinha, ali iam repousar um pouco da sua mortificada e santa vida de servos de Deus. Ah! quantas vezes, á

hora terna do crepusculo, não iria ali meditar, tambem, o vulto dolorido de frei José da Alameda— esse ingenho e pobre frade da livraria— que, com a alma abrazada de paixão, tanto soffreu por aquella formosissima Alice, seductoramente pallida e de grandes olhos carbunculosos e cabellos de ebano, cuja obstinada recordação o perturbavam tenaz no silencio nocturno da cella onde altas horas da noite, visionariamente, a via deslizar, arrastando a fimbria vaporosa do seu vestido tão branco como arminho, pelos longos corredores do convento adormecido!...

Lisboa (Ajuda), 1910.

PATROCINIO RIBEIRO.



Os mais pequenos sinos de Mafra

# FIGURAS E FACTOS



S. M. a rainha e o pessoal tecnico e administrativo do Sanatorio Souza Martins da Guarda, que recentemente visitou—(Cliché Ayres)

O sanatorio Souza Martins da Guarda, é uma das mais bellas obras da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Foi inaugurado em 1907 e para a sua fundação muito contribuiu a rainha senhora D. Amelia que ha dias o visitou.

Não são apenas doentes ricos que alli se albergam mas tambem alguns pobres aos quaes a Assistencia soccorre. Na sua recente viagem a rainha foi photographada não só com os clinicos e empregados do sanatorio mas n'um grupo com alguns doentes.



AS NOVAS SUCCURSAES DO «SE-  
CULO».—Continua a grande expan-  
são do *Seculo* que abriu mais duas  
novas succursaes uma na rua José  
Estevão, no estabelecimento de pa-  
daria dos srs. Castanheira Fernan-  
des & C.º sendo para alli transfe-  
rida do largo de Santa Barbara e  
outra em Belem, no estabelecimento  
de chapelaria do sr. Manuel Au-  
gusta da Silva.



As novas succursaes do «Seculo»: 2—A succursal de Belem 3—A succursal da rua José Estevão—(Clichés de Benolle)



# Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.<sup>o</sup>  
TELEPHONE 1738



Melo seculo de successo

## ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe  
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**  
A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

## TRABALHOS DE ZINCOGRAVURA, PHOTOGRAVURA, STEREOTYPIA

### Zincogravura e Photogravura

Em zinco simples de 1.<sup>a</sup> qualidade, cobreado ou nickelado.  
**Em cobre.**  
A cores, pelo mais recente processo — o de trichromia.  
**Para jornaes** com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

### IMPRESSÃO E COMPOSIÇÃO

Fazem-se nas OFFICINAS

### DA Illustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédivel perfeiçào.

### Stereotypia

De toda a especie de composiçào

### Impressão e composiçào

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

## Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

RUA FORMOSA, 43



NOUVEAU PARFUM

# Princia VIOLET

29, B<sup>2</sup> des Italiens, PARIS

## Agencia de VIAGENS ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo.**  
**Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8—LISBOA

Viagens baratissimas  
á TERRA SANTA

Automoveis **BENZ** AutomoveisVISTA GERAL DA FABRICA «BENZ & C.<sup>os</sup>» EM MANNHEIM

Marca d'automovel de reputação  
mundial

*Preferida pelas principaes  
Côrtes da Europa*

RESISTENCIA. SOLIDEZ. PERFEI-  
ÇÃO NO ACABAMENTO  
E CONFORTO INEXCEDIVEIS

**MODELOS DE 1910**

20 HP—30 HP—35 HP—45 HP e 60 HP

Todos a cardan e com magneto alta tensão BOSCH

SUCCESSAES EM:

Paris, Londres, Vienna, Budapest e New-York

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL DE

**BENZ & C.<sup>a</sup>, Mannheim**

**JOSÉ DA SILVA MONTEIRO**

Rua das Flôres, 133

**PORTO**